

“Uma encruzilhada de civilizações e culturas”: as múltiplas subjetividades que constroem Angola em “Abel e Caim” e “Ngola Kiluanje”, de João Melo

“Uma encruzilhada de civilizações e culturas”: the multiple subjectivities that construct Angola in “Abel e Caim” and “Ngola Kiluanje”, by João Melo

Ariane Avila Neto de Farias

Instituto Federal Farroupilha (IFFar)

ariane.farias@iffarroupilha.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9828-7980>

Anderson Martins Pereira

Instituto Federal Farroupilha (IFFar)

andersonmartinsp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2667-8891>

Mariane Pereira Rocha

Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul)

marianerocha@ifsul.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-0126-8063>

RESUMO

É a partir de suas independências, no decorrer da década de 1970, que os sistemas literários dos países lusófonos africanos são perpassados por questões de apagamento e reescrita. Antes disso, as narrativas acerca desses países eram realizadas por escritores dos países que os colonizaram, o que muitas vezes demarcava um olhar que apagava a multiplicidade do povo africano. Este artigo examina os contos "Abel e Caim" e "Ngola Kiluanje" do livro *Filhos da Pátria* (2008), de João Melo. Entende-se que esses textos refletem a construção da identidade angolana, ressaltando a diversidade cultural e as subjetividades do país. A análise demonstra como a literatura angolana reafirma sua identidade nacional ao celebrar o multiculturalismo e resgatar aspectos de uma cultura pré-colonial. Através das contribuições teóricas de autores como Francisco Noa (2019), Fanon (2008), Ngũgĩ wa Thiong'o (2012) e Rita Chaves (2005), o artigo discute a

heterogeneidade da literatura angolana e seu papel na elaboração de um passado marcado pelo colonialismo.

Palavras-chave: multiculturalismo; Angola; literatura africana; João Melo.

ABSTRACT

It was after their independence, during the 1970s, that the literary systems were permeated by issues of erasure and rewriting. Before that, the narratives about these countries were written by writers from the countries that colonized them, which often marked a perspective that erased the multiplicity of the African people. This paper examines the short stories "Abel and Cain" and "Ngola Kiluanje" from the book *Filhos da Pátria* (2008), by João Melo. We understand that these texts reflect the construction of Angolan identity, highlighting the cultural diversity and subjectivities of the country. The analysis demonstrates how Angolan literature reaffirms its national identity by celebrating multiculturalism and rescuing aspects of a pre-colonial culture. Through the theoretical contributions of authors such as Francisco Noa (2019), Fanon (2008), Ngũgĩ wa Thiong'o (2012), and Rita Chaves (2005), the paper discusses the heterogeneity of Angolan literature and its role in the elaboration of a past marked by colonialism.

Keywords: multiculturalism; Angola; African literature; João Melo.

INTRODUÇÃO

As literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe surgem em contextos marcados pelo colonialismo português. Tendo alcançado suas independências a partir da década de 70, esses países possuem sistemas literários (Cândido, 2015) relativamente jovens, embora já tivessem manifestações literárias anteriores. De fato, autores como Francisco Noa (2019) dividem a literatura produzida pelos países africanos entre literatura colonial e literatura nacional. O primeiro período, composto por escritores da metrópole, se divide em uma primeira “fase exótica”, na qual habitantes, fauna e flora dos países africanos são descritos pelos portugueses com exuberância; uma segunda fase doutrinária, cujo objetivo era convencer outros países da importância da colonização; e em uma terceira fase cosmopolita, na qual as cidades africanas começam a surgir na literatura. Já a etapa da literatura nacional, que começa a surgir alguns anos antes das independências, é um momento em que a autoria de escritores africanos emerge, e o nacionalismo, a luta anticolonial e a busca por identidade começam a surgir.

É importante enfatizar, ainda, em consonância com Kwane Anthony Appiah (1997), que não existe uma única identidade africana, já que o continente em sua configuração pré-colonial, especialmente antes da Conferência de Berlim, tinha tradições, culturas e influências múltiplas e complexas, o que impede que falemos em uma África com caráter unificador. Desse modo, embora os países lusófonos tenham como característica comum seu passado colonial que, conforme discute Ngũgĩ wa Thiong'o (2012), foi um colonialismo por si só subalterno e periférico, já que relegou aos africanos a língua portuguesa que não os coloca em contato com grandes potências econômicas, é necessário distinguir que cada um dos novos sistemas surgidos após os movimentos de descolonização terá características próprias, devido às especificidades culturais, regionais, geográficas, sociais e históricas de cada país.

A literatura angolana, de modo mais específico, reiteradamente elabora as complexidades de sua guerra por independência, bem como da guerra civil subsequente e das questões sociais contemporâneas resultantes desses processos, ao mesmo tempo em que explora a cultura local a partir de uma diversidade estética. Nessa perspectiva, a afirmação da identidade nacional, manifestada através do multiculturalismo, confere à literatura angolana uma peculiaridade intrínseca ao povo que a inspira, a escreve e a promove.

Isto posto, o presente artigo visa analisar os contos “Abel e Caim” e “Ngola Kiluanje”, publicados no livro *Filhos da pátria* (2008), de João Melo, a fim de refletir sobre a construção da identidade angolana a partir do reconhecimento da diversidade cultural que compõe o país. Entende-se que os contos aqui analisados ecoam a multiplicidade de subjetividades, desmistificando o olhar que homogeneiza essa nação. Ao retomar a história da formação da nação angolana, essas narrativas assinalam um país que se erigiu sob a riqueza de experiências de sujeitos demarcados tanto pela exploração e pobreza decorrentes de um passado colonial quanto por suas vitórias e desejo por um futuro de liberdade e pela possibilidade de um presente marcado pela união e coletividade, com o objetivo de curar as feridas deixadas por um passado de colonização. Para tanto, as reflexões aqui apresentadas partem das contribuições de teóricos como Francisco Noa (2019), Fanon (2008), Ngũgĩ wa Thiong'o (2012) e Rita Chaves (2005).

A REPRESENTAÇÃO DO MULTICULTURALISMO EM ANGOLA

O autor João Melo emerge como sucessor de uma tradição literária que tem como objetivo retratar a Angola. Em seus trabalhos, ele oferece ao mundo uma perspectiva única sobre o país, enfatizando suas características diversificadas, em contraponto ao histórico homogeneizado construído pela coroa portuguesa, responsável por anos de exploração nos quais subjugaram as identidades do povo. Comprometido em moldar os contornos da angolanidade, Melo busca inspiração para sua criação literária na decadência social e na crise de subjetividade provocadas pelas várias transformações que o país sofreu desde a era colonial até o período após a independência.

Sua literatura reafirma que o desenvolvimento das letras angolanas não se deu somente por uma necessidade estética, mas também como um legado de gerações de escritores que, durante o colonialismo, utilizaram a escrita como uma ferramenta crucial no processo de emancipação de Angola. Como postulado por Abdala Júnior (2006, p. 213), “a literatura (re)descobre o país para (re)imaginá-lo” e, nesse sentido, textos, como os de Melo, enfatizam elementos de caráter social. A escrita angolana, nos anos que precedem a independência, passa a montar, literariamente, um futuro de liberdade e de independência, visto que os textos delineiam os contornos de uma sociedade livre do colonialismo e da repressão.

Sobre isso, Frantz Fanon (2008, p. 169) assinala que “a luta pela libertação começa pela restauração da cultura pré-colonial: o intelectual nativo descobriu que nela não havia nada no passado para se envergonhar; havia a dignidade, a glória e o respeito”. Ao encontro das ideias de Fanon, Rita Chaves (2005, p. 13) postula que “à literatura em Angola parece atribuir-se a função de desenhar o rosto de um povo ainda sem ele, de dar voz a uma gente ainda condenada ao silêncio”. Ainda, Mbembe (2017) argumenta que a literatura é um espaço de “ressurgimento” onde as vozes marginalizadas podem reivindicar seu lugar na história e na cultura. Essa perspectiva é fundamental para entender como João Melo utiliza a literatura para resgatar a memória pré-colonial e promover uma visão multicultural de Angola.

Como resultado, tem-se, assim, uma literatura marcada pela tentativa de caracterização da identidade nacional de um povo que não sabe ao certo os limites dessa; um povo que teve suas variadas culturas étnicas apagadas durante o período colonial e

que sofreu com a imposição de culturas estrangeiras. Não há como ignorar a influência cultural trazida pelo povo europeu, assim como apagar os séculos de história marcados pela dominação estrangeira em África.

Nesse sentido, é importante pensar a cultura de um modo múltiplo, tendo em vista as diferenças observadas por meio da comparação dos sujeitos e suas variadas formas de ser e estar no mundo. Sobre isso, Tomás Tadeu da Silva desenvolve a seguinte reflexão:

As diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os vários grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum de todo ser humano. As diferenças culturais seriam apenas a manifestação superficial de características humanas mais profundas. Os diferentes grupos culturais se tornariam iguais por sua comum humanidade (Silva, 2007, p. 86).

O significado de cultura como a manifestação dos diferentes comportamentos e organizações dos sujeitos, assim como apresentada por Silva (2007), está diretamente ligada ao conceito de multiculturalismo. A partir da multiplicidade, pode-se depreender a possibilidade da coexistência de múltiplas culturas em um mesmo espaço social. Sobre o conceito de multiculturalismo, Antônio Greco Rodrigues (2013) afirma que:

No seu sentido mais simples refere-se simplesmente àquilo que traz em si elementos de muitas culturas. Desse conceito inicial desenvolvemos a ideia de multiculturalismo, o jogo de diferenças, quando diversos elementos culturais se juntam dentro de um mesmo espaço, forjando as características de uma sociedade. Ele é frequentemente pensado como opondo-se ao etnocentrismo (Rodrigues, 2013, p. 45).

Na passagem acima, pode-se perceber uma oposição entre um olhar multicultural e um etnocêntrico. Salienta-se, contudo, que o convívio entre culturas diversas, na maior parte dos contextos, não se dá de forma pacífica. O etnocentrismo impera em muitas dessas culturas, fazendo com que o outro, possuidor de uma identidade diferente do grupo dominante, seja negado. Isso é exemplificado e observado na relação colonizador/colonizado. Na era colonial, a dominação tinha como finalidade convencer os povos dominados de que esse processo de tomada de controle dessa população e de seus recursos era necessário para trazer à luz uma sociedade que se encontrava nas trevas. A cultura nativa era vista como pecaminosa e selvagem, não civilizada, e, dessa forma, o

colonizador impunha aos povos nativos os seus costumes e comportamentos como única e irrevogável possibilidade.

Angola foi uma das colônias portuguesas mais fortemente explorada, principalmente, quanto a utilização de seu povo como mão-de-obra escrava nas Américas. Os portugueses procuravam prata no solo angolano; não encontrando, fizeram da matéria humana sua central fonte de lucro. O tráfico negreiro perdurou por muitos anos em Angola e foi atividade bastante rentável à Europa e, em especial, a Portugal.

Ao refletir sobre o contexto de Angola, Chaves retoma a história de África, assinalando o papel dos escritores neste processo de rompimento com a estrutura dominante:

Profundamente marcada pela história, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado. A brusca ruptura no desenvolvimento cultural do continente africano, o contato com o mundo ocidental estabelecido sob a atmosfera de choque, a intervenção direta na organização de seus povos constituiu elementos de peso na reorganização das sociedades que fizeram a independência de cada um de seus países. [...] falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando (Chaves, 2005, p. 45).

Segundo a pesquisadora, a identidade angolana esteve sempre por definir-se e redefinir-se, em um processo contínuo. Angola é constituída por muitos grupos étnicos que, partilhando o que têm em comum, constroem os alicerces da sociedade. Todavia, a noção de identidade nacional, perpassada pela diversidade étnica, muitas vezes é desestabilizada por essa mesma multiplicidade. Esse desequilíbrio é consequência dos arranjos celebrados pelos povos colonizadores a partir da Conferência de Berlim (1885) em que foi estabelecida uma divisão do território africano em colônias. Os espaços que acabaram sendo distribuídos entre as principais potências europeias visavam o lucro e o poder colonial. Como esclarece Vanessa Teixeira (2002), não houve o menor respeito ou preocupação quanto a essa divisão: sujeitos da mesma etnia foram separados enquanto pessoas de etnias diferentes passaram a conviver. A desestruturação social fez com que esses povos perdessem ou deixassem de reconhecer a si mesmos, estabelecendo uma crise de identidade.

O conceito de cultura nacional possui seu significado diretamente ligado ao de nação. A nação angolana é caracterizada, então, por sua própria diversidade cultural e

étnica. Conforme salienta Fanon (2008, p. 187), lutar por “uma cultura nacional significa, em primeiro lugar, lutar para a libertação da nação, aquele ponto estratégico que torna possível a construção de uma cultura”. Depreende-se disso que só é possível a caracterização de uma identidade ou cultura nacional a partir do momento em que uma nação se assume como tal, buscando sua liberdade política e social, uma luta que, assim como a de Angola, pode iniciar-se justamente pela cultura, sendo a literatura forte aliada nesse movimento.

UMA HISTÓRIA PERMEADA POR CONFLITOS: ABEL E CAIM

O multiculturalismo, como aspecto central da nacionalidade angolana, está presente em grande parte das obras de Melo. *Filhos da Pátria* (2008) perpassa a descrição da sociedade de Angola atual, trazendo à tona a ideia de que a identidade angolana está sempre em devir. O conto “Abel e Caim” traça uma pequena retrospectiva histórica da política angolana desde a colonização até o ano de 2000, dando destaque à guerra civil. Vemos, então, nessa narrativa, um entrelaçamento entre história e literatura, que é uma característica marcante da literatura angolana (Chaves, 2005). Este conto trata da história de dois amigos de etnias diferentes, que nunca viram nisso um motivo que impossibilitasse sua amizade. O primeiro, chamado Miguel Ximutu, é fruto da mistura entre kimbundus com ovimbundos; já seu amigo, Adalberto Chicolomuenho, é filho de ovimbundos. Contudo, a grande amizade é abalada no momento em que os dois se envolvem politicamente, optando pela afiliação a partidos diferentes: Miguel Ximutu integra-se à UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), e Adalberto Chicolomuenho, por sua vez, ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). O fato resulta, segundo o narrador, em uma “makas do kayaya”, tornando-os inimigos. A narrativa assinala que eles haviam ficado 25 anos separados: “não tiveram notícias um do outro, pois, como se sabe, os serviços de correio em Angola, não funcionam” (Chaves, 2005, p. 165).

Há de se destacar que existe uma estreita relação entre os movimentos partidários e a formação étnica angolana. O MPLA era constituído por uma pequena elite considerada “mestiça” e “aculturada” de Luanda, tendo por base de apoio o Mbundo, grupo étnico mais exposto à cultura ocidental. O UNITA, de origem rural,

estava mais ligado às práticas tradicionais africanas. Já o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), isolado dos demais geograficamente, era formado por Ovimbundu. Pelas características ímpares, os movimentos assumem posturas distintas em relação à condução da luta e, no período pós-independência, quanto à forma de governar o país. Nesse contexto, os fatores étnicos são usados para acirrar a rixa entre os angolanos, filhos da mesma pátria, que são impulsionados a se alistarem como soldados, para lutar junto aos movimentos de libertação representantes de tais etnias. Essa disputa acarreta na degradação estrutural e econômica de Angola, que tem como saldo da guerra a destruição das cidades, a falta de estrutura econômica, as mutilações humanas etc.

No conto, o narrador expõe os acontecimentos históricos e o desencontro das ideias entre as frentes de libertação, posteriores partidos políticos. Esse desencontro é simbolizado pelo afastamento dos amigos durante toda a disputa armada pelo poder. O reencontro só ocorre quando a paz está restabelecida, ou muito próxima, podendo ser compreendido como o símbolo do desejo de desfecho comum à nação angolana:

Abraçaram-se energicamente, sacudiram os braços um do outro, voltaram a abraçar-se, bateram-se mútua e efusivamente nas costas, sem cessarem de se nomear, como se a enfática invocação do nome do outro tivesse o condão de apagar tudo o que tinha ocorrido entre eles no último quarto de século (Chaves, 2005, p. 167).

O excerto acima demonstra a efusão do reencontro dos amigos, que mesmo depois de anos afastados não escondem a alegria da reaproximação. O narrador pontua a efusividade da proximidade física, de maneira a confirmar que a distância imposta pelas diferenças políticas não é mais agora necessária; a paz selada é sinônimo de união entre os diversos povos que compõem Angola. A nomeação e repetição constante do nome do amigo, realizada por ambos, é a validação da retomada de vínculo, mas também a esperança da união de um país há tanto negativamente marcado pelo processo de colonização.

Contudo, o narrador sinaliza que o encontro entre ambos acontece por mero acaso: “O reencontro de ambos acabou por ocorrer um dia qualquer, já na virada do século, mas peço encarecidamente que isso seja considerado um mero acaso, sem qualquer significado simbólico especial” (Chaves, 2005, p. 166). O trecho alerta ao

leitor acerca das marcas deixadas pelo período de afastamento, pelas violências impostas ao povo angolano. Nessa perspectiva, entende-se que a causalidade e a efusividade da reunião demarcam, entretanto, que esse reencontro é uma maneira de lidar com as memórias da guerra e de tentar encontrar um sentido no que viveram, a fim de construir um futuro em que a reunião das diferenças seja possível.

Faz-se importante destacar que a intertextualidade é um recurso bastante explorado nesse conto. Seu título faz referência à passagem bíblica dos irmãos, Abel e Caim. Na história bíblica, ambos os irmãos prestam homenagem a Deus: Abel escolhe como oferta ao Senhor os melhores cordeiros de seu rebanho, enquanto Caim oferece frutos colhidos do campo. Deus aceita de bom grado a oferta de Abel, mas despreza a de Caim. Esse, por sua vez, dominado pela ira, assassina o irmão. Deus em punição faz de Caim um caminhante errante pelo mundo e adverte que por mais que ele trabalhe na terra, essa jamais lhe dará frutos e que seus descendentes serão conhecidos como “filhos da maldade”.

No enredo do conto, entretanto, não há referência de qual dos personagens se conectam de modo maniqueísta às figuras de Abel, o bom, e a de Caim, o mau, pois o importante da relação intertextual existente no conto é a paráfrase realizada entre a história bíblica e a de Angola, de disputas e combates. O narrador não se manifesta simpatizante de um ou outro partido político apoiado pelas personagens. Fica a cargo dos leitores intitular seu Abel ou seu Caim, já que o narrador investe em deixar lacunas para compreensão e interpretação narrativa.

O enredo, dessa forma, denuncia uma guerra em que “irmão mata irmão”, ou seja, entre os filhos de Angola, narrando uma luta marcada pelo anseio do poder político em contrariedade ao bem-estar de um povo. Ainda é importante ressaltar que o povo dividia-se, de acordo com cada grupo étnico, em grupos agricultores e pastoris, o que reforça o cruzamento entre o enredo narrado e a história bíblica parafraseada.

Já a respeito da historicidade documental, uma vez que o conto trata da história política de Angola, encontramos em Dealtry a seguinte reflexão:

O passado torna-se uma narrativa não fixa, mas permeável pelos interesses do tempo presente. Ao (re)construirmos o passado de determinado povo, esquecemos e lembramos-conscientemente ou não - de determinados fatos, informações e interpretações. Dessa forma, damos voz a uma narrativa que

se inscreve tanto no tempo histórico quanto no mítico (Dealtry, 2002, p. 190).

Em consonância com a afirmativa de Dealtry, percebe-se que a história serve de inspiração a eventos ficcionais e que a literatura ajuda a preencher as lacunas provenientes da tentativa do apagamento do passado do país. Assim, a literatura é usada como mecanismo de revitalização dos aspectos culturais relevantes à caracterização da subjetividade nacional.

A reconstrução da memória de um povo, através dos textos literários, torna-se um elemento salutar na busca da ressignificação da identidade nacional. A memória traz à tona aspectos relacionados à língua, à religião, às lendas, ao folclore, ao modo de viver etc., que foram subalternizados e esquecidos pelo poder dominante. Nesse sentido, Dealtry (2002, p. 197) afirma que “sob a aparente conformidade de uma base nacional erigida à custa do autoritarismo e do apagamento das diferenças, diversas narrativas permaneceram adormecidas, até determinado momento em que emergem como símbolos de uma memória pulsante”. A história construída com ênfase na dominação apaga a memória do outro até o momento em que a cultura minoritária e marginalizada reivindica sua voz e espaço social.

Em “Abel e Caim” a identidade multicultural é marcada tanto por fatores étnicos quanto políticos. Nesse conto, Melo reescreve a história da sociedade angolana a partir da perspectiva das minorias, evidenciando as contradições sociais que são representadas pelas duas personagens que transitam entre a rivalidade e a amizade. Ao fazer isso, o autor estabelece uma nova narrativa sobre seu país, aproximando história e ficção. Conforme Chaves (2005), essa é uma das principais características da literatura angolana, o compromisso com a história e a identidade da nação.

AS DISPARIDADES RACIAIS

No conto “Ngola Kiluanje”, observamos a força racial como matriz geradora de disparidades culturais. Nele, narra-se a história de António Manuel da Silva e de sua família que, após a independência, em 1975, veem-se obrigados a abandonar Angola a fim de não serem confundidos com os portugueses, devido à cor de pele branca, o que ocasionaria severas represálias. O texto apresenta um narrador-personagem que é o

responsável por dar voz – não apenas neste, mas em todos os contos do livro, às reflexões acerca da construção identitária das personagens da narrativa.

A princípio, a família muda-se para Lisboa, mas as diferenças culturais entre Angola e Portugal fazem com que o Brasil seja, em seguida, escolhido como nova residência. Em primeiro lugar, a família estabelece moradia em Recife, mas anos depois se transferem para o Rio de Janeiro, onde criam raízes. No Rio, António Manuel conclui os estudos e conhece Jussara, uma carioca engajada no Movimento Negro. Mesmo vivendo bem no Brasil, o protagonista não deixa de vislumbrar seu retorno à Angola.

[...] Tenho trinta anos, nasci no Úcua (lugar que poucos leitores, mesmo que também sejam angolanos, conhecerão...) e vivo no Rio de Janeiro. Vivi nesta cidade nos últimos dez anos e, durante esse período, aprendi a amá-la como amo a memória perdida da minha terra natal, mas dentro de dias regresso a Angola. O que vou dizer não é um simples trocadilho: a decisão de regressar já estava tomada, no meu íntimo, no dia em que parti (Melo, 2008, p. 99).

Na passagem acima, António expressa a forte ânsia de retorno à sua terra natal. Mesmo tendo encontrado no Rio de Janeiro características similares a de seu país de origem, ele sempre sentiu que o pertencimento ao território angolano era maior do que qualquer outro sentimento imposto pela necessária migração do país de origem. As memórias de Angola pulsam em seu presente, uma saudade que não diminui, mas que amadurece a certeza de que o país, o qual precisou deixar, é o seu real lar. O retorno seria, então, o desfecho de um desejo latente.

Neste conto, a discussão centra-se nas diferenças raciais no país africano. Aos brancos, seria dificultado o reconhecimento de sua “angolanidade”. Dessa maneira, o personagem António Manuel precisa afirmar sua nacionalidade bipartida: “Sou branco e sou angolano” ou “angolano, embora branco” (Melo, 2008, p. 99). Até mesmo Jussara sente necessidade de reforçar a nacionalidade do namorado e, faz isso o chamando de “Ngola Kiluanje” que foi um importante soberano do Reino de Ndongo. Entretanto, o narrador pontua que “muitos brancos nascidos ou criados em Angola não se assumem como tal” (Melo, 2008, p. 99), já que há pouca aceitação daqueles que são brancos. Nesse sentido, esses seriam alvos de represálias por ainda serem vistos como colonizadores. A respeito da classificação “branco sinônimo de colonizador” e “negro, de colonizado”, Manuel dos Santos Lima discorre que:

Em regime colonial a pele é um uniforme que determina e condiciona o papel social de quem o enverga: quem manda não é negro e quem obedece não é branco. Sem ser essencialmente racista na medida em que desde os primeiros encontros entre africanos e europeus a pele foi o cartão-de-visita e passaporte para cruzar fronteiras sociais e mentais de uns e de outros (Lima, 2001, p. 208).

A identidade do ser-sujeito é dependente da imagem do ser-objeto, ou seja, o “eu” só é capaz de caracterizar-se a partir da comparação com o “outro”. Assim são caracterizados os papéis dos sujeitos negros e brancos, visto que conforme Lima (2001, p. 209), “a cultura nacional de um povo [...] será baseada não só na imagem que este povo possui de si próprio, mas também nas imagens que os grupos de fora possam ter desse mesmo povo”. Nessa perspectiva, faz-se relevante destacar que o contato com o outro, por sua vez, resulta na miscigenação identitária, levando o sujeito colonizado a ser compreendido como um ser de dupla faceta: a do “eu” e a do “outro”. Cabe ressaltar que o próprio colonizador também sofre transformações em decorrência desse contato, de modo que a sua identidade não se mantém idêntica àquela anterior ao processo de colonização.

O povo angolano passou a se caracterizar culturalmente, dessa maneira, não apenas olhando para aquilo que lhe era típico, mas também a partir da visão do outro, que o fez repudiar aquilo que o tornava diferente em relação ao colonizador, ou seja, a cor da pele, mesmo quando essa era a de seus irmãos de pátria. Essa reflexão está presente no trecho abaixo:

Os preconceitos, os estereótipos e, principalmente sobre este profundo e terrível paradoxo, próprio do ser humano, que faz com que os antigos humilhados sejam, assim que o podem, irremediavelmente tentados a humilhar todos aqueles que identificam, acertadamente ou não, como seus velhos opressores. Todas as generalizações são fascistas (Melo, 2008, p. 114).

Percebe-se a complexa forma tomada pelos mecanismos de poder que reverberam em violência simbólica e estrutural. Nessa perspectiva, o narrador relata a ação discriminatória contra os brancos angolanos, refletindo acerca da reprodução da opressão étnico-racial da qual a população negra foi vítima:

A verdade é que, até agora, os oprimidos apenas têm macaqueado os opressores! Por exemplo, nós, africanos, estamos muito revoltados e inquietos por causa das tendências xenófobas que se registram agora na Europa, mas o

que acontece é que repetimos essas mesmas tendências nos nossos próprios países, pois somos incapazes de propor ao mundo uma nova civilização, mais humana (Melo, 2008, p. 115).

O trecho de Melo (2008) propõe uma reflexão sobre a reprodução dos padrões de opressão em sociedades historicamente subalternizadas. Nesse sentido, percebe-se que a crítica à imitação das práticas dos opressores pelos oprimidos evidencia um ciclo de dominação, a qual não é rompida apenas com a mudança de quem ocupa o poder, mas exige uma transformação estrutural e ética. A xenofobia ilustra essa contradição: denuncia-se a exclusão e a violência sofridas por africanos na Europa, todavia, práticas semelhantes ocorrem dentro dos próprios países africanos. Essa constatação sinaliza a necessidade de uma nova abordagem social, baseada em valores inclusivos, que considere a pluralidade e que não apenas rejeite a opressão; ela deve propor alternativas genuinamente libertadoras.

Quando a família Silva se desloca para Lisboa, eles não encontram uma situação melhor. Sonia Torres e Eloína Santos (2008, p. 13), que analisam a condição de forasteiro do migrante que vai à metrópole em busca de uma pátria, afirmam que “Tendo herdado a língua, modelo educacional e estrutura administrativa da pátria-mãe, o migrante chega à metrópole presumindo conhecê-la tão bem quanto os cidadãos lá nascidos, uma presunção que se desfaz frente à realidade que passa a conhecer”, porém, isso não acontece. A família encontra, em Portugal, uma realidade sociocultural muito diferente da angolana, o que os faz procurarem outra pátria. De Lisboa, a família desloca-se para o Brasil onde se depara com um local acolhedor, possuidor de uma proximidade cultural da realidade angolana, conforme podemos observar no seguinte excerto do conto: “Angola (pelo menos aquela Angola que carregávamos na memória) nos parecia mais visível e efetiva ali do que em Lisboa” (Melo, 2008, p. 105).

É possível afirmar, assim, que o conto “Ngola Kiluanje” é um importante documento histórico-cultural e, principalmente, uma severa crítica ao racismo. Nele, podemos observar a denúncia às contradições raciais que ainda estão presentes na Angola de hoje. A partir da narrativa, é possível suscitar discussões acerca das múltiplas identidades culturais que podem coexistir em uma nação. Além disso, o conto também evoca debates sobre os processos de exílio e de imigração em decorrência dos conflitos existentes em Angola desde o período da colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, pode-se perceber que os contos “Abel e Caim” e “Ngola Kiluanje” de João Melo contribuem significativamente para a compreensão das dinâmicas culturais e identitárias de Angola. Através de uma literatura engajada e crítica, o autor explora como a história colonial e a diversidade étnica continuam a ter impacto no século XXI, refletindo tanto as rupturas quanto as possibilidades de união na sociedade angolana. O autor coloca em evidência questões de raça, etnia e identidade nacional como elementos que não só representam o passado colonial, mas que moldam a construção contínua da angolanidade.

Ademais, os contos evidenciam o papel da memória e da historicidade na construção da subjetividade angolana. O resgate de elementos históricos e culturais pré-coloniais demonstra a resiliência deste povo, e, nesse contexto, a literatura se configura como uma ferramenta fundamental para resgatar vozes silenciadas e restabelecer uma cultura rica, muitas vezes marginalizada pelas narrativas coloniais. Em “Abel e Caim”, o simbolismo da amizade interrompida pela guerra civil sublinha o desejo de unidade e de superação das rivalidades étnicas e políticas.

O multiculturalismo em Angola, conforme discutido nos contos, revela-se como um aspecto central e paradoxal: ao mesmo tempo que a diversidade cultural enriquece a sociedade, também desafia a construção de uma identidade nacional coesa. Essa dualidade é abordada criticamente por Melo (2008), que expõe as tensões entre os diversos grupos étnicos, enquanto promove uma visão de coletividade. No caso de “Ngola Kiluanje”, a exclusão dos brancos como angolanos legítimos, após a independência, mostra a complexidade do sentimento de pertencimento e a necessidade de um conceito mais inclusivo de identidade nacional.

Dessarte, os contos de João Melo servem como um importante reflexo das questões contemporâneas de Angola e da busca por uma identidade que incorpore suas múltiplas influências. A literatura angolana, assim, cumpre a função de memória histórica, de resistência cultural e de promoção de uma identidade nacional plural. Através dos seus contos, Melo convida os leitores à reflexão sobre a importância de uma identidade coletiva que respeite a diversidade cultural e o papel essencial da

literatura na cura das feridas coloniais e na construção de uma nação verdadeiramente unida e multicultural.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. “Panorama histórico da literatura angolana”. In: CHAVES, Rita; MACEDO Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006. p. 211-216.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CONFERÊNCIA DE BERLIM. Ata Geral da Conferência de Berlim. Berlim, 1885.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. “Memória e esquecimento como formas de construção do imaginário da nação”. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral (Org.). *Identidades – Recortes Multi e Interdisciplinares*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. p. 189-200.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora UFBA, 2008.

LIMA, Manuel dos Santos. “Eu não sou eu nem sou o outro”. In: TEIXEIRA, Rui de Azevedo (Org.). *A guerra do ultramar: realidade e ficção*. Lisboa: Notícias, 2002. p. 207-210.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NGŨGĨ WA THIONG'O. *Descolonizar a mente: a política da língua na literatura africana*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NOA, Francisco. *Império mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. São Paulo: Kapulana, 2019.

RODRIGUES, Antônio Greco. “Multiculturalismo”. In: MORAES, Dijon de (Org.). *Design e multiculturalismo*. Belo Horizonte: Centro de Estudos, Teoria, Cultura e Pesquisa em Design. UEMG, 2008. p. 21-30.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TEIXEIRA, Vanessa Relvas de Oliveira. *Pelas Letras de Ruy Duarte e Arlindo Barbeitos e Pelas Telas de António Ole, o Desvendar da Face Angolana*. Luanda: União dos escritores angolanos, 2002. Disponível em <http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=669>. Acesso em: 1 fev. 2025.

TORRES, Sonia; SANTOS, Eloína. Apresentação. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 54, p. 9-17, 2008.

Recebido em: 24/02/2025

Aceito em: 05/05/2025

Ariane Avila Neto de Farias: Doutora em Letras, na área de História da Literatura da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pampa (2011) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Atualmente é professora de Literatura e Língua Portuguesa no Instituto Federal Farroupilha.

Anderson Martins Pereira: Doutor em Letras, na área Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente é professor de Literatura e Língua Portuguesa no IFFAR.

Mariane Pereira Rocha: Doutora em Letras, com ênfase em Literatura, cultura e tradução, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestra em Letras, na área de Literatura Comparada, pela mesma instituição (2019). Realizou a Graduação em Letras com habilitação em Português, Inglês e respectivas Literaturas na Universidade Federal do Pampa (2015). Atualmente é professora de Literatura e Língua Portuguesa no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), campus Bagé. Suas áreas de interesse incluem: literatura, modernidade, contemporaneidade, poesia e artes visuais.